

# A Doutrina Operacional do Exército Popular de Libertação para o Século XXI\*

Manuel Alexandre Carriço

*Capitão de Infantaria. Professor Adjunto Convidado de Relações Internacionais da Academia Militar. Membro Associado do CINAMIL.*

## Resumo

Ainda hoje, analistas chineses declaram que desde sempre existiu apenas uma estratégia operacional ao longo dos 50 anos de existência da República Popular da China (a da “Guerra Popular). No entanto a história prova o contrário. A dimensão do Exército Popular de Libertação (EPL) e o modo como a sua doutrina operacional foi sendo modificada ao longo dos últimos 20 anos – mantendo o princípio doutrinário basilar e elementar da defesa activa – teve como consequência a existência simultânea de elementos no seio do aparelho militar com diferentes missões, estruturas e orientações doutrinárias. Actualmente o desafio reside na maior ou menor capacidade de ajustamento do corpo doutrinário à realidade e à capacidade operacional do EPL (e vice-versa). O EPL segue assim um processo de modernização a três velocidades onde ainda hoje existem unidades mais vocacionadas para a execução da Guerra Popular, enquanto que outras como as forças de reacção rápida – alvo preferencial do processo de modernização militar – já estão aptas a aplicar a última evolução estratégica (Guerra Local sob Modernas Condições *Hi-Tech*). Outras ainda, como as de guerra electrónica e da 2ª Artilharia já se consideram com alguma capacidade efectiva de levar a cabo operações de RMA integradas em cenários de Guerras Locais e Limitadas.

## Abstract

*Even today many chinese military strategists still stand by the rule that there was only one operational strategy since the founding of People's Republic of China (The People's War). But history show us a different perspective.*

*The PLA's dimension and the way as his operational doctrine has been modified in the last twenty years (preserving the stepping stone principle of active defense) had the effect of an umbrella were several elements with different missions, structures and doctrinal orientations are coexisting with more or less paucity. Today, the real challenge is the adjustment of a doctrinal body to the present reality of PLA's operational capability (and vice versa). The PLA's is in the middle of a “three speed” modernization process, where there are units that can only implement Mao Zedong doctrine of People's War, and others (as the rapid reaction forces) who are able to execute the last doctrinal development (Local War under Hi-Tech Conditions), and others that can carry, albeit with limited capacity, the Revolution in Military Affairs war operations but in the local and regional context.*

\* O presente artigo constitui uma súmula de uma monografia elaborada pelo autor e intitulada de *A Evolução do Conceito Doutrinário de Defesa e do Pensamento Estratégico Chinês*. As ideias expressas não representam necessariamente as da instituição a que pertence. O autor agradece as observações dos membros anónimos do júri editorial que contribuíram para o refinamento analítico de alguns pontos.

*“Muita ambição existe quando o objectivo é indefinido”  
(mubiao buming zhixiangda).*

*“Muitas ideias surgem quando a iniciativa não é objectiva”  
(xinli meishu dianziduo).*

Máximas chinesas

## 1. Introdução

A Guerra do Golfo de 1991 foi um tipo de guerra que os estrategas militares chineses vinham analisando ainda que de modo especulativo seis anos antes de efectivamente acontecer. Foi uma guerra curta, de elevada intensidade, efectuada com objectivos políticos limitados e dentro de um teatro de operações geograficamente confinado. Ainda que o papel fulcral desempenhado pelos sistemas de combate e de apoio de combate tecnologicamente sofisticados não tenha sido propriamente uma surpresa para os analistas do Exército Popular de Libertação (EPL), tal não se pode aplicar ao emprego sinérgico e efectivo dos mesmos nas operações conjuntas. Os estrategas chineses extrapolaram dois aspectos complementares da Operação Tempestade no Deserto (*Desert Storm*). Primeiro, o emprego massivo do poder aéreo permitiu destruir as defesas aéreas iraquianas ao mesmo tempo que paralisava as forças no terreno. Segundo, quando a ofensiva terrestre foi lançada, o efeito sinérgico das operações conjuntas realizadas com elevado profissionalismo acabou com o que ainda restava das forças de Bagdade.

Ao dissecarem analiticamente as diversas componentes que contribuíram para a vitória da coligação internacional, os analistas militares chineses chegaram à conclusão de que a sua doutrina operacional teria de passar a enfrentar dois dilemas. Primeiro, como incrementar as capacidades de combate para fazer face a uma eventual guerra imediata ou a curto prazo. Segundo, como se prepararem para a nova *Revolution in Military Affairs* (RMA) que emergiu da Guerra do Golfo.

## 2. O Debate Pós-Guerra do Golfo e o Impacto da Campanha Aérea da NATO sobre o Kosovo

A nova RMA implicou que o EPL passasse a efectuar um estudo adicional e mais objectivo sobre duas componentes da guerra moderna que até então havia subestimado em análises anteriores: o reconhecimento e o poder aéreo. Inúmeros artigos foram publi-

cados sobre a tipologia dos sistemas de reconhecimento norte-americanos (desde os satélites KH-11 até aos aviões de reconhecimento não tripulados – os *Unmanned Aerial Vehicle* (UAV) – passando pelo sistema de vigilância (JSTARS). Deles ressaltava a extrema importância das capacidades de reconhecimento tático norte-americanas que contribuíram e facilitaram a tomada de decisão estratégica, a eficácia operacional, a detecção de mísseis, a avaliação de danos provocados pelos bombardeamentos, e as decisões táticas em tempo real no próprio campo de batalha<sup>1</sup>. As elevadas capacidades C4IR (comando, controlo, comunicações, computadores, informações e reconhecimento) americanas tornaram-se um nóculo fulcral para o sucesso das operações militares, mas igualmente um dos pontos fundamentais a explorar por meio de estratégias assimétricas para quem pretendesse obstar a um ataque americano<sup>2</sup>. O emprego de tecnologias de ponta sobre os centros C4IR poderia assim permitir a diminuição significativa dos meios de *hardware* das forças militares americanas<sup>3</sup>. Claro que uma coisa é reconhecer as possibilidades desta estratégia outra coisa é ter os meios para a executar eficazmente<sup>4</sup>.

As operações aéreas foram analisadas com igual detalhe, especialmente o poder devastador da força aérea americana e a incapacidade iraquiana em defender os seus centros de comando e controlo (C2) e de defesa anti-aérea do ataque da coligação. A China não só não possuía (nem possui) uma força aérea moderna<sup>5</sup>, como não tinha ao seu alcance a capacidade de se defender contra ataques tão intensos e concentrados que por intermédio de tecnologia “*stealth*” (de baixa visibilidade) e do emprego de mísseis de cruzeiro permitia que os aviões pudessem sobrevoar as linhas inimigas sem serem detectados, como e ainda destruírem baterias anti-aéreas sem entrarem dentro do alcance prático de tiro destes

---

1 Veja-se PILLSBURY, Michael (Ed), *Chinese Views of Future Warfare*, Washington, National Defense University Press, 1996.

2 Veja-se a popular obra de LIANG, Qiao e Wang Xiangsui, *Unrestricted Warfare*, Beijing, PLA Literature and Publishing House, 1999.

3 Citado em SHAMBAUGH, David, *Modernizing China's Military: Progress, Problems, and Prospects*; Berkeley, University of California Press, 2002, pg. 70. É sobre esta área da *Information Warfare* que mais se faz sentir a prevalência dos conceitos estratégicos de Mao Zedong. Veja-se os múltiplos estudos de analistas chineses em PILLSBURY, Michael (Ed), *Op. Cit.*

4 Esta dicotomia permanece bastante vincada nas análises estratégicas chinesas, uma vez que se assiste a uma profusão de escritos sobre a guerra electrónica e da informação, os quais divagam sobre conceitos tipicamente americanos que o EPL dificilmente conseguirá implementar nos próximos vinte anos.

5 Apesar do esforço de aquisição à Rússia de mais de cem aviões SU-27 e de 40SU-30. Os acordos assinados prevêem uma autorização de co-produção dos SU-27 por parte da China. No entanto, têm existido inúmeros problemas na linha de montagem chinesa, para além do facto de que a capacidade de sustentação logística das aeronaves adquiridas tem-se revelado deficiente.

sistemas de defesa. A guerra aérea tinha-se transformado em algo de não-linear, com a possibilidade de se efectuarem ataques em profundidade sobre alvos militares estratégicos do adversário sem que as defesas anti-aéreas deste tivessem sido suprimidas. Quem conseguisse destruir (“cegar”) os sistemas C2 do inimigo sem que fosse rapidamente impedido, adquiriria a iniciativa estratégica, algo que à luz das sucessivas formulações doutrinárias chinesas o EPL jamais poderia abdicar.

Era obrigatória a prossecução de novos estudos com vista a uma nova reestruturação do EPL. Tal processo foi liderado pela Universidade de Defesa Nacional que em 1993 concluiu que o EPL devia:

- (1) reduzir o número de soldados e melhorar o equipamento, a qualidade de treino e a actual capacidade de combate;
- (2) atribuir prioridade à aquisição de armamento convencional tecnologicamente sofisticado em prejuízo do nuclear;
- (3) introduzir tecnologia de topo nos seus sistemas de armas;
- (4) construir uma força de reacção rápida<sup>6</sup>.

No entanto seriam necessários mais cinco anos para que a nova reformulação doutrínaria fosse aceite oficialmente. Em 1998, a Comissão Militar Central (CMC)<sup>7</sup> – eleita aquando do 14º Congresso Nacional do Partido Comunista, em Outubro de 1992 – “finalizou” a revisão da doutrina de Deng Xiaoping. A formalização de tal processo revelou por parte da CMC uma determinação e visão a longo prazo, num marcado contraste com o habitual conservadorismo e inércia processual do EPL. A importância desta reforma pode assim ser encarada sob três perspectivas:

- (1) A nova CMC conseguiu proceder à revisão estratégica enquanto Deng estava vivo;
- (2) A nova CMC conseguiu responder em tempo e de uma forma simplificada aos novos desafios impostos pela revolução tecnológica; e

---

6 ALLEN, Kenneth, Glenn Krumel e Jonathan D. Pollack, *China's Air Force Enters the 21st Century*, Santa Monica, RAND, 1995, pg. 33. Para uma análise inclusiva sobre aspectos mais específicos deste estudo, leia-se a nota de rodapé desta mesma página.

7 Os membros da CMC em 1998 eram: Jiang Zemin (Presidente); Zhang Wannian (Vice-Secretário Geral); Chi Haotian (Vice-Secretário e Ministro da Defesa Nacional); Fu Quanyou (Membro e Director do Departamento de Estado Maior); Yu Yongpo (Membro e Director do Departamento Geral de Política); Wang Ke (Membro e Director do Departamento Geral de Logística); Cao Gangchuan (Director do Departamento Geral de Equipamento e Armamento); e Wang Ruilin (Membro e Sub-Director do Departamento Geral de Política).

- (3) A nova CMC conseguiu através da nova estratégia unificar facções desavindas no interior do EPL, servindo de ponto de partida para o fortalecimento do espírito de corpo e defesa dos interesses corporativos<sup>8</sup>.

Ou seja, a evolução da doutrina de Deng Xiaoping – primeiro da “Guerra Popular sob Modernas Condições” e “Guerra Popular de Defesa Activa”<sup>9</sup> e posteriormente de “Guerra Local Limitada” – foi reactualizada em prol de um corpo doutrinário de ainda maior veneração da tecnologia militar, como único meio de alcançar uma rápida e decisiva vitória militar (“Guerra Local sob as Modernas Condições *Hi-Tech*”<sup>10</sup>). Se bem que absorvendo bastantes dos elementos definidores da doutrina anterior – o que era politicamente correcto<sup>11</sup> – e apoiando-se na pedra doutrinária basilar da defesa activa<sup>12</sup>, já anteriormente estipulada, a nova doutrina operativa possui alguns factores diferenciadores, cujas origens remontam ao período do pós-Guerra Fria, e sobre as quais se acha por bem executar breve análise<sup>13</sup>.

---

8 Assemelhando-se ao que Liu Huaqing havia alcançado em meados da década de 80, quando conseguiu unir os Almirantes da MEPL em torno da estratégia “para uma Marinha de águas azuis” (Marinha com capacidade oceânica).

9 Como refere You Ji, “neste contexto, o termo activa, significa manter os adversários o mais afastados possível dos pontos estratégicos, preferencialmente para além das fronteiras. Significa igualmente a determinação do EPL em lançar contra-ataques em grande escala logo após a dissolução do impacto do ataque inicial do inimigo. Defesa (*bentu fangyu*), ou defesa territorial, é uma premissa recorrente do princípio de não expansão.” Ji, You, *The Armed Forces of China*, London, I.B. Tauris, 1999, pg. 4. A expressão e a noção de “modernas condições” deve-se ao Marechal Ye Jianying que a empregou pela primeira vez em 1958, ainda que a definição das “modernas condições” tenha sido reajustada, conferindo uma acentuado grau de flexibilidade doutrinária. YUNZHU, Yao, “The Evolution of Military Doctrine of the Chinese PLA from 1985 to 1995”, *Korean Journal of Defense Analysis* nº2, 1995, pg. 74.

10 Para alguns analistas do EPL, esta nova estratégia operativa submete-se ao primado doutrinário de uma “estratégia *high-tech* de defesa nacional” (*gaojishu guofang zhanlie*). No entanto, é de frisar que o CMC ainda não anunciou oficialmente qual a terminologia desta nova estratégia. Talvez tal se deva ao receio político de desvalorizar a doutrina de Deng, numa altura em que a liderança de Jiang se materializa com base na obtenção de consensos e onde a ala Dengista continua a possuir uma forte influência.

11 Cuidadosamente, Jiang Zemin intitulou estes novos esforços de desenvolvimento doutrinário como “o pensamento de Deng Xiaoping na construção de um Exército para a nova Era” (*Deng Xiaoping xinshiqi jundai jianshe sixiang*).

12 Como explica o Coronel Wang Naiming: “[a defesa activa]...enfatiza a natureza defensiva da nossa estratégia, mas também o carácter ofensivo dos meios que a aplicam. Requer uma integração orgânica da ofensiva e da defensiva, tendente a alcançar o objectivo estratégico defensivo por intermédio de uma acção ofensiva; quando as condições o propiciarem, a defesa estratégica deve ser conduzida por intermédio de contra-ataques e ataques.” NAIMING, Wang, “Adhere to Active Defense and Modern People’s War” in PILLSBURY, Michael (Ed), *Op. Cit.*, pg. 37.

13 Alguns analistas classificam a evolução do pensamento militar chinês em três etapas: a da Era da doutrina revolucionária de Mao Zedong; a da Era da doutrina de modernização de Deng Xiaoping; e a da Era da doutrina *hi-tech* de Jiang Zemin. A maioria dos jornais e publicações militares chinesas consideram a actual doutrina como pertencente à doutrina da modernização de Deng.

Como é do conhecimento geral, todos os condicionalismos inerentes à competição entre as duas super potências, obrigaram a China a inflectir o seu pensamento estratégico. Tal inflexão deveu-se, segundo Nan Li, a sete grandes factores:

- (1) O empate nuclear entre as duas super potências obrigou-as a procurarem formas intermédias de competição;
- (2) O desequilíbrio tecnológico e militar entre países de desigual desenvolvimento económico aumenta as possibilidades da nação tecnologicamente mais avançada iniciar uma guerra contra uma bem mais atrasada, usando o conflito como “tubo de ensaio” para as novas armas;
- (3) Os custos crescentes, cada vez mais insuportáveis como resultado da maciça destruição de infra-estruturas económicas, associados às guerras em grande escala, tornam as guerras locais uma alternativa menos onerosa mas capaz de igualmente consolidar objectivos estratégicos definidos;
- (4) Como as grandes potências vão evitar o conflito directo, irão-se socorrer de estratégias indirectas (“guerras satélites”) como método de materializar e de obter recursos estratégicos;
- (5) A progressiva escassez de recursos naturais em resultado do desenvolvimento económico poderá proporcionar a reactivação de disputas territoriais;
- (6) Conflitos internos (guerras civis) aumentam a possibilidade de intervenção externa; e por fim
- (7) Como muitas destas guerras locais opõem países do Terceiro Mundo e Estados socialistas, não directamente envolvidos na competição entre as super potências, não se deve subalternizar a importância dos conflitos étnicos como vector de catalização de guerras locais<sup>14</sup>.

Para o Tenente-General Mi Zheniu, um estratega de renome do EPL, as principais características de uma “Guerra Local Limitada sob Modernas Condições *Hi-tech*” serão as seguintes:

- “(1) Objectivos limitados que restringem a escala, os meios e a duração da guerra;
- (4) Muitas vezes estes objectivos são mais político-diplomáticos do que militares;

---

14 LI, Nan, “The PLA’s Evolving Warfighting Doctrine, Strategy and Tactics, 1985-95: A Chinese Perspective”, *The China Quarterly* n°146, 1996, pg. 446.

- (5) O processo conflitual está sob grande controlo central, sendo a obtenção de um acordo político o fim último;
- (6) Um cenário internacional mais complicado o que torna o conflito mais imprevisível e passível de ter rápidos desenvolvimentos;
- (7) Apesar de a guerra ser limitada, a sua preparação é intensiva, uma vez que a aceitação da eventualidade de uma derrota é extremamente restrita;
- (8) Os ataques preventivos (ataques cirúrgicos) são a principal modalidade de acção; e
- (9) Apesar da pequena duração do conflito, este será bastante oneroso, uma vez que uma grande quantidade de armas de alta tecnologia serão empregues.”<sup>15</sup>

Sendo assim, deduz-se que os objectivos inerentes às guerras locais<sup>16</sup> possuam uma incisividade ainda mais política do que as guerras em grande escala<sup>17</sup>, onde nas primeiras, as acções militares são restringidas por aspectos de natureza política interna e externa e diplomática, sendo limitadas no espaço e no tempo, havendo uma notória preocupação de evitar uma escalada<sup>18</sup>. De acordo com a maioria dos teóricos militares chineses, as “Guerras Locais Sob Modernas Condições *Hi-Tech*”, serão caracterizadas por:

---

15 Citado em JI, You, *Op. Cit.*, 1999, pp. 22-23.

16 Segundo a Universidade de Defesa Nacional, uma pequena guerra (guerra local) é por definição um conflito armado que requer a mobilização de parte do efectivo do EPL para uma zona de guerra (o que pode ser entendido como uma região militar). Esta implica o recurso a armas ligeiras e precisas. A guerra média é uma guerra local que envolve a mobilização de meios materiais e humanos do EPL para uma ou duas zonas de guerra, bem como o apoio nacional por intermédio da mobilização das reservas. Implica a coordenação das capacidades de utilização de armas ligeiras e pesadas. Finalmente a guerra em grande escala implica a mobilização total enfatizando o recurso a armas estratégicas e de *deterrence*. Todos os três tipos de guerra trazem consigo a obrigatoriedade do desenvolvimento de munições de precisão, de valorização técnico-profissional do pessoal, de melhoria do sistema C3I e de guerra electrónica, de aperfeiçoamento do apoio logístico e do reforço das reservas. Veja-se PILLSBURY, Michael (Ed), *Op. Cit.*

17 A noção de escala aqui empregue tem uma conotação fundamentalmente geográfica e não de intensidade e violência de um conflito.

18 Para a então chefia militar chinesa, nomeadamente o então Ministro da Defesa, General Qin Jiuei, e posteriormente o General Chi Haotian, tendo em consideração que por um lado, seria altamente improvável que um grande conflito mundial irrompesse durante os anos 90, e por outro, a elevada profusão das guerras limitadas, tornava-se indispensável aos estrategas militares chineses estudarem afincadamente esta nova dinâmica conflitual de forma a rapidamente se retirarem as necessárias implicações sobre o treino da Forças Armadas. Assim, a nova perspectiva doutrinária militar, assumiu-se acima de tudo como um processo de continuidade reformadora, iniciada na década de 80 e que tem como pilares fulcrais da sua formulação teórica os conceitos de uma *deterrence* nuclear limitada apoiada na capacidade táctica, no teatro de operações ou a nível estratégico, das suas forças em obstem rápida e eficazmente a uma escalada convencional ou nuclear, tudo assente em meios tecnologicamente avançados e de elevada flexibilidade de emprego.

- Influência geográfica limitada;
- Objectivos políticos limitados;
- Curta duração;
- Processo de tomada de decisão operacional de alta intensidade;
- Elevada mobilidade e velocidade (guerra de manobra);
- Elevada letalidade do armamento e grande destruição;
- Elevadas taxas de consumo logístico e imprescindibilidade de uma eficiente e célere rede logística de apoio;
- Elevada visibilidade do campo de batalha;
- Sobrecarga do sistema C2;
- Campos de batalha não lineares;
- Combate multidimensional; e
- Operações conjuntas.

Apesar destes considerandos, é consensual que o desfecho de tal conflitualidade será quase sempre obtido recorrendo à negociação e ao compromisso, funcionando a mesma como instrumento de reforço de iniciativas diplomáticas, de enfraquecimento psicológico do inimigo ou de conquista de recursos.

Pelo que acima foi descrito, tornou-se compreensível que a nova modificação doutrinária<sup>19</sup> para o combate e a vitória de “Guerras Locais sob as Modernas Condições *High-tech*”, se alicerce na necessidade de desenvolver uma força de reacção rápida (*quaisu*) altamente móvel e impecavelmente equipada, capaz de sanar o mais prontamente possível, conflitos fronteiriços de baixa intensidade, com recurso prioritário a operações militares conjuntas (onde a Marinha, a Força Aérea e as Forças Nucleares – 2ª Artilharia –

---

19 Como Dennis Blasko, Philip Klapakis e John Corbett chamam a atenção, existem dois termos em mandarim que significam doutrina – *tiaoling* e *lilun*. O primeiro tem conotações com regulamentos, enquanto que o segundo é associado à teoria. Estes termos usados em conjunto aproximam-se do conceito ocidental de doutrina. Curiosamente, a noção de “guerra popular” (*renmin zhanzheng*) é muitas vezes designada como doutrina, mas em mandarim encontra-se associada com a palavra *sixiang* de pensamento. A ideia de “guerra local” chama-se *jubu zhanzheng* o que implica que este conceito ainda se encontra em desenvolvimento não tendo ainda atingido um nível de sofisticação capaz de substituir o de “guerra local limitada”. Veja-se BLASKO, Dennis J., Philip T. Klapakis e John F. Corbett Jr., “Training Tomorrow’s PLA: A Mixed Bag of Tricks”, *The China Quarterly*, nº146, 1996, pg. 489.



desempenham um papel fundamental)<sup>20</sup>. Estes conflitos a ocorrerem bem como as acções a desenvolver pelo EPL serão respectiva e basicamente de cinco tipos:

- (1) Conflitos fronteiriços de baixa intensidade;
- (2) Conflitos sobre disputas territoriais marítimas e ilhas;
- (3) Ataques aéreos de surpresa;
- (4) Defesa contra ataques limitados deliberados a território chinês; e
- (5) “Contra-ataques punitivos” em território inimigo “para fazer frente a invasões, proteger a soberania nacional, ou salvaguardar a justiça desencorajando eventuais ameaças”.

Estrategicamente falando, nota-se assim uma marcada mutação na visão chinesa de segurança. A anterior estratégia “continental” – voltada para a ameaça soviética – deu lugar ao conceito de “fronteira estratégica flexível” cujo centro de gravidade se deslocou de norte para sul – para as extensas faixas litorais das zonas económicas especiais – como algo de tridimensional que envolve não apenas o território continental mas também o oceano e eventualmente o espaço<sup>21</sup>.

Para a MEPL esta alteração estratégica veio validar as conclusões de um estudo extensivo elaborado no início da década de oitenta sob as ordens do seu comandante (entre 1982-88), o Almirante Liu Huaqing, o qual determinou a necessidade de se estabelecer um plano de longo prazo capaz de enquadrar o desenvolvimento naval chinês. De facto, a nova estratégia militar nacional implicava para a MEPL uma abdicação da sua estratégia operacional de defesa costeira (*jinhai fangiu*) em prol de uma de defesa marítima (*jiniang fangiu*), o que acarretava a extensão do perímetro de defesa até uma distância compreendida entre as 200 e as 400 milhas náuticas – ou mesmo maior, caso se incluíssem as ilhas Spratly. Os estrategas navais que formularam este estudo apontaram para a necessidade de a China possuir uma capacidade marítima (*green water navy*) em 2002 e uma capacidade oceânica (*blue water navy* ou *yuan yang haijun*) em 2050<sup>22</sup>.

---

20 Sob este ponto a advertência de Mao permanece actual: “Se alguém não nos atacar, nós não atacaremos; no entanto se alguém nos atacar, nós obrigatoriamente [contra] atacaremos”. (*Ren bu fan wo, wo bu fan ren; ren fan wo, wo bi fan ren*). Citado em *Ta Kung Pao* (Hong Kong), “Liu Huaqing On the Stand of the Military Towards Taiwan”, FBIS-CHI, September 7, 1995, via internet.

21 Este era um dos argumentos principais da popular série televisiva chinesa da década de oitenta, “O Elogio do Rio”, a qual criticava a mentalidade continental e sublimava a valorização da fronteira marítima da China.

22 Veja-se CARRIÇO, Manuel Alexandre G., “A Evolução da Doutrina de Defesa Marítima da China e o Processo de Modernização em Curso: A Questão do Porta-aviões”, *Revista Militar* n°12, 2002, pp. 983-1023.

Sem uma prévia experiência no desenvolvimento e implementação de uma estratégia marítima que não a defesa costeira, a MEPL passou a debater-se com a imperiosidade de corresponder a três tarefas básicas, caso queira credibilizar a sua capacidade de projecção de poder naval:

- Primeiro, detectar, seguir e envolver-se em combates com forças hostis (o que implica uma capacidade de reconhecimento, vigilância e de defesa contra sistemas de mísseis de longo alcance terra-ar empregues pelas actuais forças navais).
- Ao empenhar-se em combates navais, o sistema C2 deverá possuir uma capacidade multidimensional capaz de corresponder às exigências das operações conjuntas onde a coordenação de meios aéreos, navais e submarinos é fundamental, e ao qual se associa a desvantagem da incapacidade de reabastecimento aéreo ou do apoio aéreo em áreas sensíveis como a das ilhas Spratly.
- Desenvolvimento de uma capacidade de apoio logístico que permita a manutenção de operações navais bem distantes das bases de navais de apoio (capacidade de sustentação da projecção de poder).

Subjacente a estes requisitos operativos da MEPL encontra-se a reformulação de enquadramentos doutrinaários do EPL assente no sempre omnipresente conceito doutrinaário de “defesa activa”, mas agora interligado ao conceito de “defesa avançada”, onde termos como “vencer através do recurso a forças de elite” (*jingbing zhisheng*)<sup>23</sup>, “obter a iniciativa, atacando primeiro” (*xianfa zhiren*), “vencer pela superioridade (pontual) e não pela inferioridade” (*yiou shenglie*), “lançar ataques em profundidade” (*zongshen daji*) e “empregar a força de forma decisiva para obter uma rápida resolução do conflito” (*suzhan suje*), passaram a materializar-se como as “jóias desta nova coroa de doutrinas e desideratos tácticos”. Ou seja, o EPL:

- Deixou de aguardar pelo inimigo perto das fronteiras chinesas para o combater o mais afastado possível das mesmas;
- Trocou a guerra de aniquilamento pelas campanhas contra pontos nevralgicos;
- Abandonou a guerra de atrição e adoptou o conceito de uma campanha militar decisiva onde a primeira batalha é fulcral;

---

23 Concomitantemente foram criadas e acelerado o processo de treino das primeiras forças chinesas de reacção rápida de escalão divisionário - (FRR) (*kuaisu*) -, e unidades de operações especiais ou “unidades de impacto” (*quantou*) semelhantes às forças especiais norte americanas ou aos comandos israelitas, e finalmente foi recuperado o Corpo de Fuzileiros, numa filosofia de desenvolvimento de “bolsas de excelência” no interior do EPL.

- Trocou as campanhas defensivas por campanhas de “defesa ofensiva”;
- De uma estratégia de avanços e recuos (por vezes precipitados) para uma de controlo do avanço inimigo;
- De uma campanha ao nível de Exército com regiões militares, para uma campanha assente no conceito de “zona de guerra” (*zhanqiu zhanji*);<sup>24</sup>
- Do recurso ao princípio da massa para a adopção do princípio da concentração do poder de fogo;
- Das campanhas militares baseadas numa estrutura de quatro armas e serviços para operações conjuntas;
- Em resumo existe uma clara ênfase na valorização do conceito de “guerra assimétrica”, onde o EPL, perante um inimigo tecnologicamente superior, procederá à concentração e utilização das suas “bolsas de excelência” militar e tecnológica, na exploração dos pontos vulneráveis do adversário (bases logísticas e de projecção de poder, nódulos C2R – comando, controlo e reconhecimento – e alvos associados a plataformas de lançamento de mísseis balísticos)<sup>25</sup>.

A esta diversidade terminológica, quer estratégica quer tática, estão naturalmente associadas diferentes características de terreno, de condições meteorológicas e adversários. Ou seja, a diferentes áreas fronteiriças chinesas estão associados diferentes requisitos operacionais. Às diversas direcções geográficas de esforço (atrás referidas), o EPL instituiu (agora operacionalmente e definitivamente) o conceito de “Zona de Guerra” (bem como um inerente centro de comando e controlo de campanha ao nível de teatro de operações) que visa primordialmente a preparação ao nível estratégico e tático, de

---

24 O estabelecimento das zonas de guerra é direccionado às grandes potências globais militares. Este conceito materializa uma componente de carácter psicológico e prático no que concerne à preparação do EPL para futuras guerras locais em que se venha a envolver. Mais concretamente, esta alteração na terminologia prefigura uma intenção operativa em incrementar o estado de prontidão e alerta das forças (especialmente aquelas que fazem parte das bolsas de excelência), de modo a que estas possam actuar de forma conjunta e sincronizada em conflitos de baixa e alta intensidade (o comandante da zona responde directamente perante o comando supremo em Pequim, sendo responsável pelo comando e coordenação de todos os meios militares e civis existentes na mesma). Ou seja, em caso de uma guerra local, é possível que esta abranja mais do que uma região militar, daí a necessidade de implementação das zonas de guerra, que permitirão uma conjugação mais ampla e eficaz dos vários meios disponíveis nas regiões militares que se inserem nessa zona de guerra. Tendo em atenção a premência temporal de êxito militar, as operações conduzidas mesmo ao nível tático poderão ser politicamente cruciais para a segurança nacional.

25 You Ji aponta quatro grandes diferenças entre a estratégia de Deng e a nova estratégia: (1) ênfase à capacidade de projecção de poder; (2) reforço do carácter ofensivo das operações militares; (3) flexibilidade de actuação político-militar; e (4) reforço do sistema de investigação e desenvolvimento de armamento. Veja-se Ji, You, *Op. Cit.*, pp. 8-10.

todas unidades do Exército para a condução de operações combinadas<sup>26</sup>. Este é um passo inovador para o EPL, uma vez que até há pouco tempo atrás, as operações combinadas só contemplavam exercícios entre unidades da mesma arma ou serviço. Se bem que ainda numa fase de alguma retórica empírica, esta foi uma alteração substancial, pois permitiu que desde 1993, estas novas operações fossem adoptadas e implementadas no planeamento anual de treinos do EPL. Por inerência, cada uma das sete regiões militares passou a conduzir treinos e exercícios de campo de forma autónoma, como forma de garantir uma grande flexibilidade de planeamento e execução das operações militares incluídas na nova doutrina de guerras locais. Ao abrigo deste enquadramento normativo, os comandantes das regiões militares passaram a ser definidos claramente como os principais responsáveis pelas campanhas militares conduzidas nas respectivas regiões<sup>27</sup>.

Mesmo assim inúmeras deficiências no treino continuam a verificar-se, as quais são inclusivamente reconhecidas não só pela própria liderança, como têm sido dissecadas nos últimos cinco anos em jornais e revistas militares chinesas<sup>28</sup>. O actual nível de treino do EPL contribui marginalmente para o domínio dos requisitos mínimos associados à guerra conjunta de elevado índice tecnológico. Em parte tal deve-se à inexistência em número suficiente de armas e equipamentos capazes de materializar tal treino, o que obriga a que muitas das unidades continuem a treinar sob os parâmetros anteriores à Guerra do Golfo. Adicionalmente, permanece uma tendência quase que paroquial para que as diversas armas e serviços não abduquem de métodos há muito em vigor nas suas estruturas e para os quais continuam a não ver muitos óbices. Mais ainda, como o material sofisticado chega em reduzido número e em pequenas leva bastante espaçadas no tempo, existe a inclinação dos comandantes para “estimarem em demasia” o novo equipamento, não o inserindo nos processos de treino com receio de o danificarem, relegando-os para o estatuto de meros auxiliares estáticos de instrução.

A persistência deste problema levou a que em Janeiro de 1999, Jiang Zemin promulgasse uma nova regulamentação de treino operacional para o EPL. Ainda que reconhecendo

---

26 Leia-se CARRIÇO, Manuel Alexandre G., “O Conceito Chinês de Zona de Guerra: Considerações Estratégicas e Operacionais”, *Revista Militar* nº 11, 2003, pp. 1145-1179.

27 Só no ano de 1988 o EPL conduziu 4 exercícios ao nível de teatro de operações. Ao longo da década de 90 este padrão numérico manteve-se, com excepção do ano de 1996 onde houve um acréscimo resultante dos atritos com Taiwan. Para uma listagem completa sobre o número de exercícios realizados pelo EPL entre 1990-1995 veja-se: BLASKO *et al.*, *Op. Cit.*, pp. 500-515, e para exercícios das forças de reacção rápida entre 1990 e 2003 veja-se ainda CARRIÇO, Manuel Alexandre G., “O Conceito Chinês de Zona de Guerra: Considerações Estratégicas e Operacionais”, *Op. Cit.*, pp. 1172-1176.

28 PLA Activities Report 1997, 1998, 1999. XIAOCHUN, Ma e XIUJUAN, Zhao, “The PLA’s Training Reform Achievements”, *Xinhua*, 8 de Dezembro, 1998 in FBIS-CHI, December 14, 1998. DSTI Monthly Report, November, 2002, pg. 17, via internet.

as limitações tecnológicas das forças armadas chinesas, a nova regulamentação incide a sua atenção sobre a imperiosidade de se avançar com o treino de operações conjuntas e de apoio logístico, e simultaneamente preparar o EPL para as contingências da guerra electrónica, da informação e das operações especiais. Se tomarmos como certo o *dictum* de que um Exército combate como treina, teremos de aguardar mais uma década para então podermos tomar o pulso às possíveis evoluções entretanto consolidadas.

Como que premonitoriamente, pouco tempo depois, a imperiosidade da nova regulamentação de treino do EPL aprovada por Jiang Zemin, veio a reforçar a sua importância mercê da guerra aérea desenvolvida sobre a Jugoslávia por forças da NATO, a propósito da crise do Kosovo (Março a Junho de 1999). Tal como a Guerra do Golfo havia demonstrado – por comparação indirecta – as debilidades operativas do EPL face às forças americanas, a campanha aérea aprofundou ainda mais as preocupações chinesas no que se refere à estratégia, tática e sistemas de armas empregues pela NATO.

A comunidade de estratégias e analistas de segurança chineses não tardou a publicar as primeiras análises à actuação das forças militares da Organização, com as três escolas doutrinárias (guerra popular, guerra local sob modernas condições tecnológicas, e guerra RMA) a chamarem a si as virtudes operativas de cada uma delas perante um ataque similar por parte de um inimigo (subentenda-se os Estados Unidos)<sup>29</sup>.

A primeira conclusão comum às três escolas centrou-se no contraste tecnológico entre a Guerra do Golfo e a Guerra do Kosovo, com alguns analistas a afirmarem que enquanto a primeira teve algumas características de uma guerra moderna de elevada tecnologia, a segunda foi verdadeiramente uma guerra moderna de elevada tecnologia com vectores “hiperconvencionais” que deveriam ser estudos pelo EPL<sup>30</sup>. Ainda que reconhecendo um padrão inicial similar ao da Guerra do Golfo (ataques aéreos e com mísseis a nódulos C2, acções de empastelamento das comunicações militares e civis, emprego de mísseis de cruzeiro de ataque ao solo lançados a partir de plataformas navais – LACM –, obtenção de domínio sobre o “espectro das comunicações”, emprego intensivo de sensores sediados no espaço bem como de satélites, e utilização de bombardeiros estratégicos sediados nos Estados Unidos e reabastecidos em voo durante a missão até aos alvos) o que mais surpreendeu a liderança militar chinesa foi a ideia de um atacante poder penetrar as defesas e destruir as forças inimigas sem que o defensor tivesse a possibilidade de o detectar, e muito menos efectuar contra-ataques sobre o adversário<sup>31</sup>.

---

29 CHOU, Oliver, “Notes on China”, *South China Morning Post*, June 14, 1999.

30 SIZE, Su, “Kosovo War and New Military Theory”, *Jiefangjun bao*, June 1, 1999, pg. 6 in FBIS, July 2, 1999, via internet.

31 SHAMBAUGH, David, “China’s Military View the World: Ambivalent Security”, *International Security* nº3, 1999, pg. 57-58.

A sustentabilidade desta “*blitzkrieg* sem atrito” apoiada em bombardeamentos estratégicos de uma intensidade e tempo operacional admiráveis, bem como os sucessos relativos e pontuais das forças sérvias na protecção dos seus meios de defesa anti-aérea<sup>32</sup>, geraram uma completa reformulação dos planos estratégicos de defesa aérea chineses. Um novo programa intitulado de “três ataques e três defesas” (*san da san fang*) iniciou-se em finais de 1999. Os “três ataques” são os caças furtivos, os mísseis de cruzeiro, e os helicópteros do inimigo. As “três defesas” são a protecção contra o reconhecimento e vigilância, os ataques de precisão e as interferências electrónicas por parte do adversário<sup>33</sup>. Se aliarmos a aplicação prática e optimal deste programa à enorme extensão geográfica do território chinês, ao facto de a China deter um arsenal nuclear estratégico e regional, poderemos facilmente concluir que neste campo, a capacidade de o EPL em absorver o impacto de uma similar tipologia de ataque está consideravelmente aumentada comparativamente às forças jugoslavas, isto para gáudio dos advogados da doutrina da Guerra Popular.

A análise feita por esta escola de pensamento à guerra do Kosovo tendeu a realçar os seguintes pontos:

- (1) Que apesar de as forças NATO possuírem equipamento tecnologicamente superior, o que lhes confere uma vantagem inicial, numa “guerra justa”<sup>34</sup>, a longo prazo as leis da guerra popular tornam-se decisivas. Por exemplo, durante os primeiros dez dias do conflito o Exército jugoslavo conseguiu abater 10 aviões, incluindo um F-117<sup>35</sup>, bem como algumas dezenas de mísseis de cruzeiro<sup>36</sup>.
- (2) Que o facto de a população jugoslava ter efectuado concertos ao ar livre, desafiado o recolher obrigatório, formado cordões humanos em torno de pontes, e assistindo em massa a eventos desportivos não obstante os bombardeamentos frustrou o impacto da guerra psicológica levada a cabo pela NATO.
- (3) Que o recurso a tácticas de “guerrilha de defesa aérea”, assentes no correcto emprego da camuflagem, da dissimulação e da dispersão das baterias anti-aéreas

---

32 Resultado da excelente dissimulação e camuflagem das armas e dispersão das forças jugoslavas por áreas remotas, como montanhas, florestas e vilas, para além de se terem movimentado apenas durante a noite.

33 HUI, Chen, “Chinese Military Conducts Training to Fight High-Tech Wars”, *Xinhua*, August 11, 2000, FBIS-CHI, August 11, 2000, via internet.

34 Poder-se-á aqui questionar se o autor chinês ao referir-se a “guerra justa” pretende classificá-la como especificamente de equilíbrio militar entre as partes, ou no campo político pretenda sublimar criticamente aquilo a que a liderança chinesa considerou como uma interferência nos assuntos internos de um Estado (a Jugoslávia), ou seja uma ausência de *jus belli*.

35 Alegadamente o F-117 foi abatido por um míssil terra-ar quando as portas do compartimento das bombas se abriram e o interior do avião fez contraste contra uma nuvem branca que se encontrava sobre o bombardeiro.

36 CHANGQI, Cui, “Reflections on NATO Air Strikes on Yugoslav Federation”, *Jiefangjun bao*, May 4, p.6, FBIS-CHI, April 16, 1999, via internet.

fez com que a taxa de sucesso de objectivos atingidos por parte das forças NATO se fosse reduzindo consideravelmente ao longo das semanas<sup>37</sup>.

Quanto à escola da Guerra Local enfatizou a necessidade de o EPL não confrontar as forças NATO, só se forçada a tal, visto que a China não tem possibilidade de lutar mano a mano com os EUA. O objectivo fulcral é a prossecução do crescimento económico sustentado e a rentabilização dos já existentes modernos meios de que o EPL dispõe, integrando optimalmente homens e máquinas<sup>38</sup>. Reconhecendo que o EPL está numa situação de “um nível baixo e de cinco insuficiências” (a componente de informação tecnológica das suas armas é baixa e existe insuficiente número de armas com elevado poder destrutivo convencional; de armas de projecção de poder; de munições de precisão; de meios de reconhecimento, de comando e controlo e de alerta; e de armas electrónicas)<sup>39</sup>. No entanto, reconhecem a possibilidade de o EPL recorrer a “técnicas de acupunctura” (*dianxue*) estratégica sobre os sistemas de informação, reconhecimento e vigilância do adversário por intermédio do emprego de armas de obliteração virtual ou “armas de trunfo” (*sashou jian*)<sup>40</sup>.

Por fim, a escola da Guerra RMA utilizou o conflito do Kosovo para maximizar a necessidade de a China obter o mais rapidamente possível os sistemas de armas necessários a evitar tal tipologia de ataque, demonstrando a insuficiência da actual dimensão do orçamento de defesa<sup>41</sup>. O bombardeamento da embaixada chinesa em Belgrado por aviões

---

37 Para tal a China deve construir mais túneis e abrigos fortificados para os seus nódulos C3I, utilizar florestas e montanhas para dissimular forças e empregar falsos alvos e construir falsas posições para confundir e enganar o inimigo. ANHUA, Guo, “Evaluation and Thoughts on Kosovo War Situation”, *Jiefangjun bao*, May 4, 1999, pg. 6, FBIS-CHI, 21 May, 1999, via internet. Um outro autor da mesma escola, cita curiosamente Sun Zi e não Mao Zedong ao referir que “um defensor hábil esconde-se em subterrâneos”, GUANGCHAN, Huang, “Countermeasures Against Long Range Air Attacks”, *Jiefangjun bao*, June 22, 1999, pg. 6, FBIS-CHI, July 12, 1999, via internet. Um outro analista refere a possibilidade de se criarem cortinas de fumo para limitarem a capacidade das bombas guiadas por laser, e de aspergir potenciais alvos com água para fazer baixar a sua assinatura térmica, vital para iludir bombas guiadas por infra-vermelhos, XINZHI, Song, “Transform Air Defense Concepts”, *Jiefangjun bao*, April 27, 1999, pg. 6, FBIS-CHI, May 10, 1999, via internet.

38 LIUHUI, Tang, “Work Hard to Explore Optimal Solution to Man-Weapon Integration”, *Jiefangjun bao*, July 15, 1999, pg. 6, FBIS-CHI, August 12, via internet.

39 WEIPING, Wa, “Thoughts on Developing Armaments by Leaps and Bounds”, *Jiefangjun bao*, April 6, 1999, pg. 6, FBIS-CHI, April 23, via internet.

40 LIANG, Qiao e Wang XIANGHUI, *Unrestricted Warfare*, Beijing, PLA Literature and Arts Press, 1999.

41 Alguns generais na reforma, o mais conhecido dos quais foi Li Desheng, declararam publicamente “que a China tem de adquirir os melhores sistemas de armas que existem nos outros países. Mesmo que esses países não os tenham [para venda], nós temos de os adquirir.” LAM, Willy Wo-Lap, “Army Hawks Mimic Anti-NATO Sentiment”, *South China Morning Post*, May 19, 1999, via internet.

americanos só deu mais alento justificativo aos defensores desta escola. Segundo um oficial do EPL, apesar de o ataque à Jugoslávia ser um acto de “banditismo”, este criou uma oportunidade de a China aprender a combater face a um adversário tecnologicamente muito superior<sup>42</sup>. Com a materialização de uma tendência evolutiva da tecnologia centrada em plataformas para uma centrada em redes, e com a estratégia assente no atrito a dar lugar a uma estratégia baseada na velocidade de comando, torna-se necessário construir um “sistema de sistemas” capaz de ligar os computadores das forças terrestres, aéreas, marítimas por intermédio de satélites. Caso a China não desenvolva esta capacidade, arrisca-se a perder uma eventual guerra sem sequer efectuar um disparo<sup>43</sup>.

### 3. Questões em Torno da Aprovação Formal das Estratégias Operativas

“Se considerarmos a doutrina de Mao de guerra popular como um “vinho velho em garrafas velhas”, então a evolução doutrinária de Deng que quebrou com a ortodoxia Maoísta é um “vinho novo em garrafas velhas” e o refinamento de Jiang poderá ser apelidado de “vinho novo em garrafas novas com um rótulo velho”<sup>44</sup>.

A evolução traçada anteriormente, não simboliza uma caracterização consensual no seio da comunidade de analistas e estudiosos do EPL<sup>45</sup>. Com efeito, e tendo em consideração a dimensão das forças armadas chinesas, e a limitada disponibilidade de recursos financeiros destinados à sua modernização, o EPL parece “assemelhar-se a um motor a três tempos”, onde ainda hoje coexistem – segundo esses académicos – e em camadas sobrepostas as três doutrinas (de Mao, Deng, e o apêndice evolutivo de Jiang Zemin).

---

42 ZHIMING, Duan, “Warning from the Flames of War in Kosovo – Summary of Forum Held by Certain Group Army of the Guangzhou Military Region”, *Jieffangjun bao*, April 20, 1999, pg. 5, FBIS-CHI, May 3, 1999, via internet.

43 HUA, Wang, “Future Maritime Network Center Warfare”, FBIS-CHI, May13, 1999, via internet.

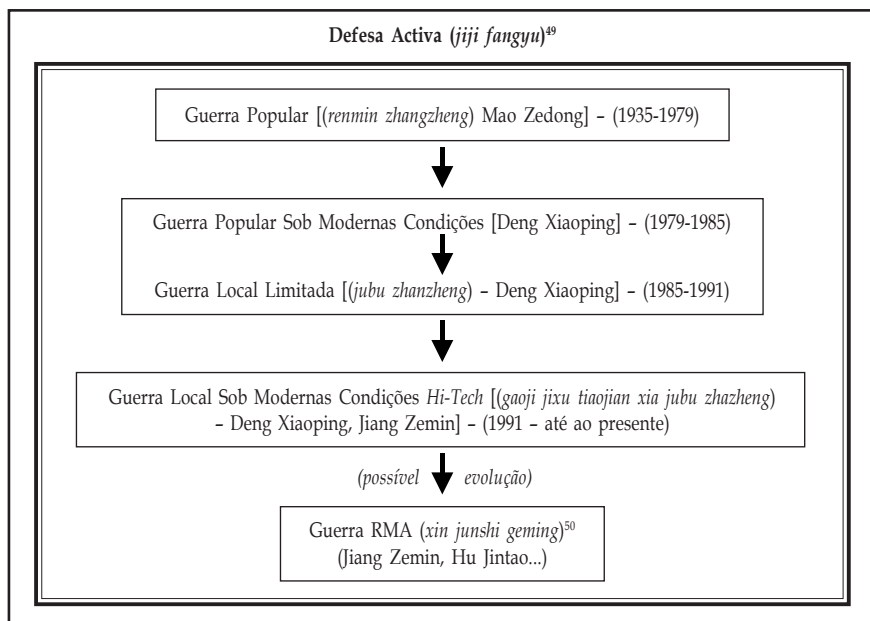
44 HUANG, Alexander Chieh-cheng Huang, citado em GODWIN, David, “The PLA Faces the Twenty-First Century: Reflections on Technology, Doctrine, Strategy, and Operations” in LILLEY, James e David Shambaugh (Eds), *China's Military Faces the Future*, Washington, M.E. Sharpe, 1999, pg. 43.

45 Com efeito, existe uma outra tipologia classificativa das “escolas de pensamento” no interior do EPL. Esta contempla quatro escolas: os tradicionalistas, que advogam a continuidade do conceito de Guerra Popular e de defesa activa estabelecido por Mao Zedong; os neo-tradicionalistas mais orientados para uma estratégia de projecção de poder, pelo menos a nível regional; os revolucionários militares, que prevêem uma revolução nos assuntos militares por volta de 2030, para a qual a China se deve preparar; e por último e mais recente, o grupo dos defensores da guerra ilimitada, que argumentam que a dimensão da guerra deverá ser ampliada o mais possível incluindo ataques informáticos a centros financeiros de modo a enfraquecer o poder do adversário.



Em 1996, Dennis Blasko<sup>46</sup>, sugeriu que não existia uma doutrina chinesa de guerra local, afirmação essa avançada alguns anos antes por Ellis Joffe<sup>47</sup>, quando avisou que ainda não tinha sido aprovado o óbito formal da doutrina de Mao Zedong da guerra popular. Para Gerald Segal, basicamente, o conceito de guerra popular mantém-se inalterado na sua estrutura elementar, mas tem permitido que se procedam a naturais alterações (*evolutivas*) nos seus sub princípios operacionais, não sendo a noção de “modernas condições” um novo aditivo, tendo tal termo sido cunhado aquando da Revolução Cultural e desde então ajustado adaptativamente, garantindo um vínculo de elevada flexibilidade doutrinária<sup>48</sup>.

Figura 1 – A Evolução dos Conceitos Doutrinários de Defesa Chineses



46 BLASKO, Dennis, “Better Late Than Never” in LANE, Dennison, Mark Weisenbloom e Dimon Liu (Eds), *Chinese Military Modernization*, London, AEI Press, 1996, pg. 131.

47 ELLIS, Joffe, *The Chinese Army After Mao*, Cambridge, Harvard University Press, 1987, pg. 93.

48 SEGAL, Gerald e William T. Tow, *Chinese Defense Policy*, London, MacMillan, 1984, pg. xvii. A ênfase em itálico e entre parentesis é da minha autoria.

49 Este novo conceito de defesa activa ainda que terminologicamente idêntico aos seus antecessores, tem uma conotação bem mais ofensiva.

50 Ainda na fase inicial de desenvolvimento, caracterizando-se fundamentalmente por um recente e denso corpo de investigação empírica, especialmente centrado na Universidade de Defesa Nacional.

Esta escola de pensamento “Maoísta” da Guerra Popular (*renmin zhangzheng*) actualmente é muito poucas vezes abordada ou estudada nos artigos de jornais militares, isto se comparada com as outras duas escolas. A escola “Maoísta” aponta como principais cenários:

1. O inimigo (Estados Unidos, Rússia, ou Japão) tentará invadir e subjugar a China.
2. Uma guerra deste tipo durará muitos anos.
3. Durante a guerra, a liderança chinesa optará por se mudar para capitais nacionais alternativas.
4. A base industrial de defesa procederá ao armamento de milhões de milícias numa guerra de desgaste e atrito até que o inimigo possa ser derrotado por um exército nacional.
5. Os seus defensores mesmo que reconhecendo a importância de forças militares profissionais não subalternizam o papel a desempenhar por uma enorme reserva e capacidade de mobilização humana que a China possui.
6. A essência da sua doutrina assenta no *dictum* chinês de que é “possível atravessar o rio sentindo as pedras sob a água”, efectuando uma ligação conceptual com as actuais exigências da guerra moderna, particularmente ao nível da *information warfare*.

Quanto à escola da “Guerra Local sob Modernas Condições Tecnológicas” (*gaoji jixu tiaojian xia jubu zhazheng* – designação esta com a qual alguns autores chineses discordam) aponta como eventuais cenários de actuação:

1. O adversário não será uma superpotência.
2. A guerra ocorrerá perto das fronteiras chinesas.
3. A guerra não se caracterizará por uma invasão profunda do território chinês.
4. A China procurará uma rápida resolução militar.
5. As forças de reacção rápida (*kuaisou*) derrotarão as forças de países vizinhos como o Japão, Vietname, Índia, Taiwan, Filipinas, Malásia ou Indonésia.

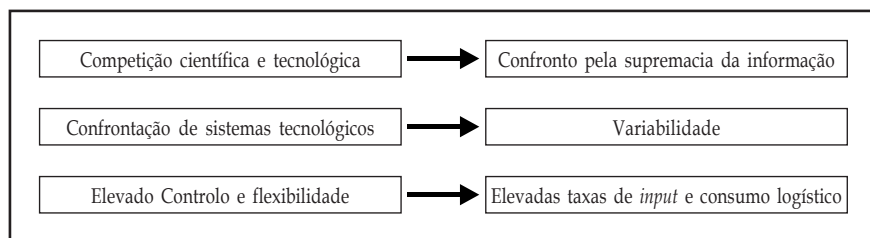
Finalmente a escola da RMA (*xin junshi geming*), cuja expressão literária sofreu um forte incremento a partir de 1995, apresenta como cenários principais os seguintes:

1. O adversário disporá de armas sofisticadas, satélites para comunicações e reconhecimento, aviões *stealth*, armas nucleares, e nanotecnologia (Estados Unidos, Rússia, ou Japão).

2. A China deve encurtar a sua *décalage* ao nível da tecnologia da informação.
3. A China deve interligar todas as forças militares.
4. A China deve atacar o sistema C3I inimigo paralisando-o.
5. A China deve actuar preventivamente face aos ataques inimigos.
6. A China deve poder utilizar armas de energia direccionada (lasers).
7. A China deve socorrer-se de vírus informáticos.
8. A China deve utilizar sistemas balísticos lançados por submarinos.
9. A China deve usar sistemas de armas anti-satélite.
10. A China deve utilizar as suas forças militares de modo a evitar o apoio logístico do inimigo.
11. A China deve socorrer-se de forças de operações especiais.

A figura 2 ilustra as características inerentes ao elenco dos cenários de RMA em cima descritos.

**Figura 2 – As Características Fundamentais de uma Guerra *Hi-Tech***

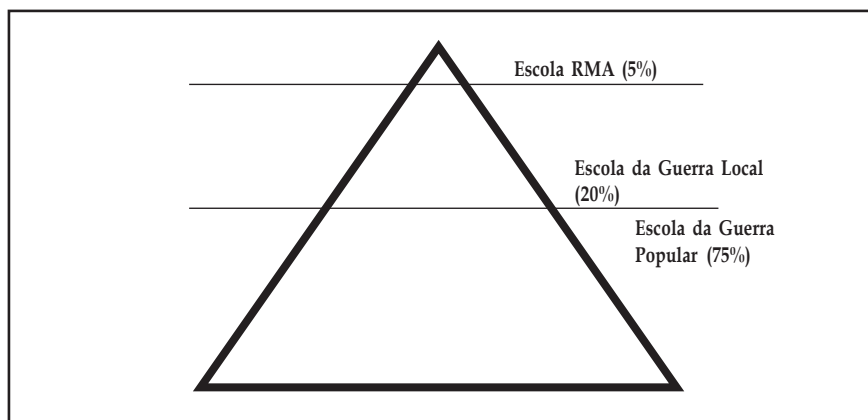


Exceptuando a escola “Maoista” (que se socorre de conceitos nativos), as restantes apoiam-se literalmente em abordagens empíricas americanas e soviéticas. Sob esta perspectiva é de referenciar um notório esforço desenvolvido pela Academia de Ciências Militares, a Universidade de Defesa Nacional, e o Diário do Exército de Libertação, os quais publicaram nos últimos oito anos várias centenas de artigos sobre as doutrinas de guerra local e da RMA. Não obstante, da análise da maioria desses trabalhos, ressalta a persistência de sérias dificuldades em conciliar os objectivos associados às três escolas de pensamento. Com efeito, perante perspectivas tão diversas, torna-se difícil enquadrar doutrinas, que ainda que assentes em vectores comuns como território, tempo, força, meios humanos, e intensidade do esforço, se encontram em pontos opostos na forma como parametrizam tais condicionantes.

Quadro 1 - A Diferente Parametrização de Vectores por Parte das Três Escolas<sup>51</sup>

	Guerra Popular	Guerra Local Sob Modernas Condições Hi-Tech	Guerra RMA
Território	1	4	3
Tempo	1	4	5
Meios Humanos	4	3	3
Força (sua aplicação decisiva)	3	4	5
Intensidade (do esforço militar)	2	5	5

Ou seja, a escola neo-Maoista recomenda que a China se prepare para uma longa guerra de baixa intensidade na qual o espaço será trocado pelo tempo, o território será cedido inicialmente, ao mesmo tempo que a população se mobiliza para um combate de guerrilha contra o invasor.

Figura 3 - A Pirâmide de Blasko<sup>52</sup>

51 De 1 a 5, ou seja da menor para a maior importância conferida.

52 As percentagens são uma adaptação actualizada do autor a partir de um esquema de Dennis Blasko, e dizem respeito aos efectivos do EPL com condições de executarem eficazmente as diversas doutrinas. BLASKO, Dennis, *Op. Cit.*, 1996.

Quanto à escola da guerra local advoga que a China se deve preparar para um ataque com curto pré-aviso, no qual a decisão da guerra será rápida, sem implicar a mobilização da população, existindo um elevado coeficiente de intensidade e de tempo operacional. Perante este enquadramento, a China vê-se na obrigatoriedade de recorrer a ataques preventivos na retaguarda do inimigo ou para além das fronteiras chinesas de forma a alcançar uma “vitória rápida e decisiva” (modelo soviético de guerra convencional).

Esta aparente arrepsia doutrinária, suscita legítimas dúvidas sobre qual a estratégia operativa em vigor. Como as novas doutrinas de guerra local ou de RMA ainda não foram formalmente aprovadas pela CMC, assiste-se a uma divergência entre aquilo que é publicado e investigado e aquilo que é praticado nos exercícios militares (uma vez que continuam a ser editados artigos sobre a guerra popular). Como se não bastasse, esta confusão aumenta ainda mais quando se nota um acréscimo do número de estudos sobre a necessidade de desenvolvimento das forças balísticas nucleares de carácter estratégico (ICBM), o que consubstancia uma aproximação não muito conectada com o preconizado pelos conceitos de guerra local.

**Quadro 2 - O Impacto da Guerra *Hi-Tech* na Teoria Operacional Tradicional**

<b>Guia Operacional</b>	
Guerra de Atrição	Ainda viável para a China, especialmente se o adversário possuir superioridade tecnológica. Uma guerra prolongada poderá desgastar e derrotar o inimigo.
Guerra de Atrição Relativa	Recurso à defesa activa para desgastar o inimigo. Na primeira oportunidade contra-atacar - numa modificação da guerra de atrito para a guerra rápida.
Guerra Rápida	Necessária sob as actuais condições da história chinesa, nas quais os militares devem apoiar a construção económica.
<b>Conceito Operacional</b>	
Defensivo	Privilegiado pela China.
Ofensivo	Nas guerras <i>hi-tech</i> a ofensiva é mais importante.
<b>Modelo Operacional</b>	A tipologia das “Três Guerras” do pensamento revolucionário.
Guerra Móvel	A forma preferida. Acarreta alguns riscos, uma vez que é necessário manter a iniciativa.
Guerra de Posição	Um modelo trivial se considerarmos as características de profundidade e de não-linearidade da guerra <i>hi-tech</i> .
Guerra de Guerrilha	Não é abordada. Poderá ser um último recurso na guerra <i>hi-tech</i> .

Objectivo Operacional	
Aniquilação	No passado um entendimento correcto da relação entre as capacidades e o tipo dos objectivos era importante.
Atrição	Na guerra <i>hi-tech</i> a atrição e a aniquilação são substituídos por múltiplos sub objectivos como a eliminação da capacidade de contra-ataque e a destruição das infra-estruturas económicas vitais do adversário.
Força Operacional	
Força Terrestre	A força tradicional por excelência com ao apoio das forças aéreas e navais.
Forças Aéro-Navais	Vitais e necessárias para o domínio das cinco dimensões do campo de batalha (ar - terra - mar - espaço - espectro electrónico).

Por sua vez, e desde 1994, a escola da RMA (inspirada pelos escritos do General soviético Ogarkov) apresenta argumentos que embora não contradigam o descriminado pela escola da guerra local, confere uma importância a factores que nem sequer são tidos em consideração pelas abordagens anteriores (como a obrigatoriedade de uma paridade nuclear com os Estados Unidos e a Rússia). Esta escola de pensamento confere particular atenção à noção de guerra assimétrica, à luz da qual e partindo do pressuposto que a tecnologia por mais sofisticada que seja, sempre apresentará vulnerabilidades que poderão ser exploradas por um adversário tecnologicamente inferior que deverá evitar o combate directo nos primeiros estágios de um conflito<sup>53</sup>.

---

53 Esta estratégia é perfeitamente exemplificada pela afirmação de um Oficial do EPL de que “Nós combatemos segundo as nossas normas, e vocês segundo as vossas” (*wo da wode, ni da nide*). Entrevista do autor em Agosto de 2001.

**Quadro 3 - A Relação Entre o Desenvolvimento da Estratégia Operacional e a Estrutura de Forças<sup>54</sup>**

	GP	GPSMC	GL	GLSMCHT	RMA	Estrutura de Forças
1978-85	Estratégia Primária	Estratégia Preliminar				Operações combinadas e Exércitos de Campo
1985-88	Estratégia Residual	Estratégia Primária	Estratégia Preliminar			QG's e Operações Conjuntas
1988-92		Estratégia Residual	Estratégia Primária	Estratégia Preliminar	Estratégia Pré-preliminar	Forças de Reação Rápida; Menos e melhores pequenas unidades
1992-2003		Estratégia Residual		Estratégia Primária	Estratégia Preliminar	Maior desenvolvimento tecnológico

**Legenda:** GP - Guerra Popular; GPSMC - Guerra Popular Sob Modernas Condições; GL - Guerra Local; GLSMCHT - Guerra Local Sob Modernas Condições *Hi-Tech*; RMA - *Revolution in Military Affairs*

Sendo o sistema político-militar chinês permeável a influências micro-institucionais, pode-se igualmente tentar explicar esta discrepância e “indecisão doutrinária” como o resultado da actuação de diversos *lobbies* institucionais pertencentes ao EPL. É possível que os defensores da RMA (Coronéis e Majores-Generais) desempenhem na sua grande maioria, funções na Academia de Ciências Militares ou em componentes do complexo COSTIND. Já os advogados da Guerra Local, ocupam os postos mais elevados do EPL desempenhando missões na Universidade de Defesa Nacional. Finalmente, os apologistas da Guerra Popular são na sua maioria velhos membros do aparelho do Partido, membros do Departamento Geral de Política, e líderes da Polícia Popular Armada, os quais passaram a maior parte das suas carreiras num ambiente Maoísta altamente politizado<sup>55</sup>.

54 Adaptado de BLASKO, Dennis, “PLA Force Structure: A 20 Year Retrospective” in MULVENON, James C. e Andrew Yang (Eds), *Seeking Truth From the Facts: A Retrospective on Chinese Military Studies in the Post-Mao Era*, Santa Monica, RAND, 2001, pg. 58.

55 Veja-se PILLSBURY, Michael, “PLA Capabilities in the 21st Century: How Does China Assess Its Future Security Needs?” in WORTZEL, Larry (Ed), *China's Military Potential*, Carlisle Barracks, U.S. Army War College, 1998, pg. 117.

#### 4. Considerações Finais

Ainda hoje, analistas chineses declaram que desde sempre existiu apenas uma estratégia operacional ao longo dos 50 anos de existência da República Popular da China (a da “Guerra Popular”). No entanto, a história prova o contrário. A China participou em conflitos junto e para além das suas fronteiras (Coreia e Índia) e optou igualmente por se manter por detrás destas (Vietname). A China socorreu-se de guerras de posição (Coreia) e guerras de maior mobilidade (Índia). Em todas estas conflitos efectuou – na sua terminologia – “contra-ataques de auto-defesa” (*ziwei fanji*)<sup>56</sup>. Qualquer que seja a especificidade do combate, é óbvio que a estratégia militar operacional tem sido particularmente flexível procurando regularmente adaptar-se às novas e modernas condições. Como sublinha Gerald Segal, a “Guerra Popular” nunca foi um conceito simples ou inflexível, podendo por isso incorporar um grande volume de alterações sem modificar a sua nomenclatura<sup>57</sup>. Perante o em cima descrito, julga-se que actualmente coexistem no EPL três escolas de pensamento, havendo no entanto, uma forte inclinação política para a aprovação formal a curto prazo da doutrina da “Guerra Local sob Modernas Condições *Hi-Tech*”, a qual se materializa – a título de exemplo – pela prioridade de investimento conferida às actuais “bolsas de excelência” (unidades de elite) das forças terrestres, da Marinha e da Força Aérea.

Em resumo, a dimensão do EPL e o modo como a sua doutrina operacional foi sendo modificada ao longo dos últimos 20 anos (mantendo o princípio doutrinar basilar e elementar da defesa activa) teve como consequência a existência simultânea de elementos no seio do aparelho militar com diferentes missões, estruturas e orientações doutrinares<sup>58</sup>. A constante necessidade de utilização de uma liturgia política oriunda de Mao Zedong e de Deng Xiaoping destina-se a atenuar o facto de que o diferencial entre a doutrina e a capacidade militar efectiva tem-se vindo a alargar progressiva e inexoravelmente nos nichos específicos dos sistemas de C2IR (comunicações, computadores, informações e reconhecimento) se comparado com o potencial norte americano. Sob a liderança de Mao o EPL era um Exército onde “aquilo que se via era aquilo que se era capaz de executar”.

---

56 JING, Zhang e Yao Yanjin, *Introduction to Active Defense Strategy*, Beijing, Jiefangjun Chubanshe, 1985, pg. 137.

57 SEGAL, Gerald e William T. Tow (Eds), *Op. Cit.*, pg. xviii.

58 Na realidade o conceito de defesa activa não faz a distinção entre defesa e ataque. Veja-se BI, Jianxiang, “The PRC’s Active Defense Strategy: New Wars, Old Concepts”, *Issues and Studies* n°11, 1995, pg. 94.



Actualmente os líderes chineses discutem e inserem doutrinarmente conceitos operativos como as cinco dimensões da guerra moderna e o lançamento de ataques cirúrgicos sobre centros C4I do inimigo, mas com o EPL a ameaçar transformar-se num Exército onde “aquilo que se pensa é aquilo que não se consegue executar”. Como sublinha um militar chinês: “é tão perigoso sofrer de miopia estratégica como de uma imaginação militar delirante. O cavalo da modernização militar é um alazão muito bonito, mas se o cavaleiro (entenda-se o EPL) não lograr dominar a arte de bem ‘cavalgar a sela’, o belo alazão não passará de um cavalo de exposição sem utilidade prática”<sup>59</sup>.

O desafio reside assim na maior ou menor capacidade de ajustamento do corpo doutrinar à realidade e à capacidade operacional do EPL (e vice-versa). O EPL segue assim um processo de modernização a três velocidades, onde ainda hoje existem unidades mais vocacionadas para a execução da Guerra Popular enquanto que outras, como as forças de reacção rápida – alvo preferencial do processo de modernização militar – já estão aptas a aplicar a última evolução estratégica (Guerra Local sob Modernas Condições *Hi-Tech*). Outras ainda, como as de guerra electrónica e da 2ª Artilharia já se consideram com alguma capacidade efectiva de levar a cabo operações de RMA integradas em cenários de Guerras Locais e Limitadas. No futuro, as três “grandes escolas” continuarão a existir, ainda que a tendência seja para um aumento da percentagem e dos efectivos aptos a aplicar – ainda que de forma limitada – as duas últimas e mais modernas escolas.

Mas essencialmente a principal conclusão que se retira é a da grande dificuldade com que o EPL se tem confrontado nos últimos vinte e cinco anos, fruto da ausência de um período de estabilidade intra-castrense que lhe permitiria a conclusão completa e efectiva a todos os níveis – organizacional, de treino, e de logística – das modificações requeridas pelas várias inflexões estratégicas e doutrinárias. Esta instabilidade dificultou ainda mais um já de si complicado processo de modernização militar. Se as forças armadas chinesas tivessem definido uma estratégia ou doutrina, isenta de uma liturgia política erosora, certamente todos concordaríamos que o progresso que agora se almeja alcançar – e que será sem dúvida conseguido – teria sido mais fácil e rápido. A visão – ou melhor as diversas visões político-militares – no *Zhongnhanai* nunca permitiram tal desiderato.

---

59 Entrevista do autor com um Oficial do EPL em Agosto de 2001.